LISTA DOS NOMES POPULARES DOS RÉPTEIS NO BRASIL – PRIMEIRA VERSÃO

Rodrigo Castellari Gonzalez[1], Arthur Diesel Abegg[2], Diego Matheus de Mello Mendes[3], Marcélia Basto da Silva[4], Paulo Roberto Machado-Filho[5], Conrado Mario-da-Rosa[6], Daniel Cunha Passos[7], Maurivan Vaz Ribeiro[8], Ronildo Alves Benício[9], Jane C. F. Oliveira[10]

1 Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 60741-000, Fortaleza, CE, Brasil.
2 Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 05508-090, São Paulo, SP, Brasil. *arthur_abegg@hotmail.com*
3 Programa de Pós-Graduação em Entomologia, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 69080-971, Manaus, AM, Brasil. *diego.mello.mendes@gmail.com*
4 Centro de Educação Aberta e a Distância, Universidade Federal do Piauí, 64001-280, Teresina, PI, Brasil. *marceliabasto@gmail.com*
5 Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 04263-000, São Paulo, SP, Brasil. *prmfilho.sbo@gmail.com*
6 Laboratório de Herpetologia, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, 97105-000, Santa Maria, RS, Brasil. *conradomdr@gmail.com*
7 Laboratório de Ecologia e Comportamento Animal, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Departamento de Biociências, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 59625-900, Mossoró, RN, Brasil. *daniel.passos@ufersa.edu.br*
8 Associação Guardiões do Cerrado, Rod. GO206, Km 3, Serranópolis, GO, 75820-000, Brazil.
9 Laboratório de Herpetologia, Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Recursos Naturais, Universidade Regional do Cariri, 63105-000, Crato, CE, Brasil. *benicio.herpeto@gmail.com*
10 Departamento de Ecologia, Instituto de Biologia Roberto de Alcantara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 20550-019, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *janeherpeto@gmail.com*

Abstract

Popular species names have always been based on human relationships with things around them, usually reflecting species' external morphology, behavior or even the habitat they inhabit. In Brazil, the high number of popular names, in many cases for the same species, makes it difficult to comprehensively recognize these names, hampering communication between everyone interested in reptiles. This study presents a compilation of the popular names for the species of reptiles occurring in Brazil based on literature data. We listed 1264 popular names, 25 for Amphisbaenia, 29 for Crocodylia, 137 for Testudines, 301 for "Lizards" and 772 for Snakes. All Testudines and

Crocodylia have popular names, however we found no popular names for three (4%) species of Amphisbaenia, 66 (24%) "Lizards" and 60 (15%) Snakes. Therefore, 15% of the 802 reptile species currently known in the country still have no popular names. Also, all species of Testudines and Crocodylia have exclusive popular names, nevertheless we found no exclusive names for 68 (92%) species of Amphisbaenia, 191 (69%) species of "Lizards" and 218 (53%) species of Snakes. This inventory is currently the most comprehensive effort to list the popular names of reptile species in Brazil.

Palavras-chave

Amphisbaenidae, Anfisbaenas, Cágados, Chelonia, Cobras, Crocodylia, etnoherpetologia, etnotaxonomia, Jabutis, Jacarés, Lagartos, nomenclatura popular, nomes vernaculares, nomes vulgares, Quelônios, Reptilia, Serpentes, Squamata, Tartarugas, taxonomia popular, Testudines.

Introdução

A taxonomia usa a língua latina para nomear organismos, garantindo a comunicação inequívoca entre cientistas que utilizam diferentes idiomas (ICZN, 1999). Por outro lado, a sociedade tende a utilizar diversos nomes populares para se referir aos seres vivos ao seu redor (*e.g.* Costa-Neto & Marques, 2000; Pinto *et al.*, 2013).

A classificação de organismos, a partir de percepções populares, é chamada de etnotaxonomia (Berlin *et al.*, 1973). Diferente da taxonomia científica, que é impessoal e baseada em critérios objetivos, a etnotaxonomia é muito mais plástica, incorporando múltiplas facetas inerentes a cada cultura (Begossi *et al.*, 2008; Lopes *et al.*, 2010). Os nomes populares possuem diversas origens (Garrido, 2012), como a localidade em que as espécies ocorrem, a cultura e as crenças locais, e a idade relativa dos espécimes (Amaral, 1978; Costa & Bérnils, 2012; Mota-da-Silva *et al.*, 2019). Assim, além de características peculiares de cada espécie, tais como morfologia, comportamento e ambiente utilizado, a etnotaxonomia tende a enfatizar a importância prática dos organismos, tais como seus usos na alimentação e fins medicinais (Hunn, 1982; Clément, 1995; Crump, 2015). Neste contexto, a nomenclatura popular é, sobretudo, influenciada pelas relações afetivas dos seres humanos com os organismos à sua volta, variando de predileções (*e.g.* afeição carismática, veneração) a aversões (*e.g.* repugnância, medo) (Alves *et al.*, 2012; Crump, 2015). Essas associações explicam o porquê de algumas espécies receberem vários nomes populares, muitas vezes com variações regionais, enquanto outras são praticamente ignoradas pelo conhecimento tradicional (Nolan & Robbins, 2001; Alves *et al.*, 2012; Passos *et al.*, 2015).

Diversos nomes populares são anteriores à vinda dos primeiros naturalistas ao Brasil (Raddi, 1820; Frederico, 2009; Cardoso, 2009). Giuseppe Raddi foi um dos mais importantes naturalistas a chegar ao país, após a abertura dos Portos às Nações Amigas, em 1808. Em suas contribuições às descrições de espécies de répteis, ele também teve o cuidado de listar e descrever os nomes populares conhecidos de cada uma (Raddi, 1820). Outros nomes aplicados às espécies brasileiras têm origem indígena (*e.g.* Tupi-Guarani para diversas espécies de serpentes, Amaral, 1977). Geralmente, esses nomes são uma tradução literal de um conjunto de significados observados pelo popular. Por exemplo, *Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) é conhecida, principalmente, por Caninana (do Tupi "*Acaninan-a*", ou do Guarani "*Caninã*"), cujo significado é *akam-* (cabeça) + *inã-a* (irritada) = (de) cabeça irritada (Amaral, 1977).

Diferente de outros países (veja Frank & Ramus, 1995; Midtgaard, 2019), no Brasil houve poucas tentativas de se listar os nomes populares dos répteis, e muitas dessas tentativas são restritas a livros e guias de campo, muitos deles regionais (*i.e.* Amaral, 1978; Marques *et al.*, 2001, 2005, 2015, 2017, 2019; Lema, 2002; Argôlo, 2004; Abegg & Entiauspe-Neto, 2012; Vasconcelos-Neto *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2019). Deste modo, os registros dos nomes populares dos répteis no Brasil se encontram dispersos na literatura. A criação de nomes populares artificiais por pesquisadores e o uso de nomes de maneira indiscriminada e despreocupada (*i.e.* cobra-verde para diversas espécies) acabaram por se propagar pela literatura, acumulando informações errôneas e, às vezes, redundantes (*i.e.* espécies com dois ou mais nomes diferentes, e espécies diferentes com o mesmo nome), o que acabou por dificultar a comunicação entre todos aqueles interessados em répteis (Frank & Ramus, 1995). Além disso, muitos nomes populares genuínos (v. Amaral, 1973, 1977, 1978) acabaram caindo no esquecimento.

A presente compilação é a primeira abordagem em direção a uma listagem completa dos nomes populares dos répteis que ocorrem no Brasil. Contudo, tendo em vista a amplitude territorial do país, sua elevada diversidade cultural e riqueza de espécies, é natural que este esforço não tenha exaurido as referências sobre o assunto. Portanto, versões atualizadas desta lista serão publicadas após as esperadas contribuições das comunidades tradicionais e científica.

Material e Métodos

A listagem dos táxons utilizados neste estudo segue Costa & Bérnils (2018), considerando apenas o nível específico para a listagem geral dos táxons, e Nogueira *et al.*, (2019) para atualizações da taxonomia de serpentes. Além dis-

so, adotamos Poe (2004) para o gênero *Anolis* (Daudin, 1802), consideramos *Apostolepis barrioi* Lema, 1978 como sinônimo júnior de *A. dimidiata* (Jan, 1862) (Entiauspe-Neto *et al.*, 2019); *A. mariae* Borges-Nojosa *et al.*, 2016, de *A. thalesdelemai* Borges-Nojosa *et al.*, 2016 (Entiauspe-Neto *et al.*, 2020) e *Chironius laurenti* Dixon *et al.*, 1993, como sinônimo objetivo de *C. dixoni* Wiest, 1978 (Entiauspe-Neto & Loebmann, 2019), além da alocação de *Epictia collaris* (Hoogmoed, 1977) para *Habrophallos collaris* (Hoogmoed, 1977) (Martins *et al.*, 2019). Portanto, para esta compilação, consideramos um total de 802 espécies de répteis não voadores (daqui em diante referido como "répteis") atuais que ocorrem no Brasil.

Para a listagem dos nomes populares, realizamos buscas em fontes bibliográficas, tais como: livros, guias de campo, artigos científicos, publicações oficiais de listas vermelhas estaduais e nacionais, e páginas *on-line* (Anexo 2). Essas pesquisas ocorreram entre Janeiro e Dezembro de 2019 e todos os nomes encontrados são apresentados nesta compilação. Por não se tratar de uma revisão taxonômica *stricto sensu*, optamos por não citar a autoria dos nomes populares, tanto pela antiguidade não rastreável de determinados nomes (*e.g.* nomes indígenas) (*e.g.* Amaral, 1977; Cardoso, 2009; Frederico, 2009), quanto pelo amplo uso e pela pulverização desses nomes na literatura, o que dificultou a justa determinação do primeiro autor. Convém ressaltar que não foi o objetivo deste estudo identificar as origens dos nomes populares encontrados.

A organização e apresentação desta lista foram feitas da seguinte maneira: os Répteis foram divididos em seus grandes grupos tradicionais: Testudines, Crocodylia, Amphisbaenia, "Lagartos" (doravante Lagartos) e Serpentes. Dentro de cada uma dessas categorias, as espécies são apresentadas em ordem alfabética. A grafia dos nomes populares seguiu as normas ortográficas da língua portuguesa para os nomes de animais (CPLP, 1990). Para isso, os nomes populares foram grafados com letras maiúsculas (exceto preposições), e nomes compostos foram escritos com hífen entre seus elementos. Os nomes populares encontrados para cada espécie são listados em ordem alfabética, sendo os nomes exclusivos (usados uma única vez) sublinhados.

Por fim, apresentamos o panorama do que foi encontrado no esforço deste estudo para cada uma das categorias (Testudines, Crocodylia, Amphisbaenia, Lagartos e Serpentes): o número total de nomes populares encontrados; o número de nomes exclusivos; as espécies com o maior número de nomes conhecidos; o termo geral mais comum para se referir às espécies; o número de espécies com nomes populares desconhecidos; o número de espécies sem nomes populares exclusivos; e o número de espécies com nomes associados a espécies peçonhentas.

Resultados

Compilamos 1264 nomes populares atribuídos a 673 das 802 espécies de répteis que ocorrem no Brasil (Anexo 1). Desse total de nomes populares encontrados, 917 (73%) são nomes exclusivos. Não encontramos nenhum nome para 129 (15%) espécies e não encontramos nomes exclusivos para 477 (59%) espécies.

Encontramos 137 nomes populares para as 36 espécies de Testudines que ocorrem no Brasil, sendo 120 (88%) nomes exclusivos. O termo mais frequente usado para designar as espécies desse grupo foi "Cágado" (usado 59 vezes sozinho ou em combinações), seguido por "Tartaruga" (usado 40 vezes). Entre as espécies do grupo, *Caretta caretta, Chelonia mydas* e *Platemys platycephala* foram as espécies com mais nomes (respectivamente 14, 13, e 12 cada). Todas as espécies de Testudines possuíram ao menos um nome exclusivo.

Encontramos 29 nomes populares atribuídos às seis espécies de Crocodylia que ocorrem no Brasil, sendo 24 (83%) deles nomes exclusivos. De modo geral, o termo mais frequente para se referir às espécies de crocodilianos foi "Jacaré", usado em 21 combinações diferentes. *Paleosuchus palpebrosus* foi a espécie que apresentou o maior número de nomes (15 nomes diferentes). Todas as espécies desse grupo apresentaram ao menos um nome exclusivo.

Em relação às 74 espécies de Amphisbaenia que ocorrem no Brasil, encontramos um total de 25 nomes populares, dos quais 20 (80%) foram nomes exclusivos. No entanto, 68 espécies (92%) não possuíram nomes exclusivos, sendo chamadas indistintamente de "Cobras-de-Duas-Cabeças" e/ou "Cobras-Cega". Outras três espécies (4%) não possuíram quaisquer nomes populares atribuídos a elas. A espécie que apresentou o maior número de nomes populares foi *Amphisbaena alba,* com seis diferentes nomes.

Em relação aos Lagartos encontramos 301 nomes populares, para um total de 275 espécies, dos quais 194 (64%) foram nomes exclusivos. Nesse caso, embora o número de nomes encontrados tenha sido superior ao número de táxons, não encontramos quaisquer nomes para 66 espécies (24%), ou nomes exclusivos para 191 espécies (69%) de lagartos. A espécie com o maior número de nomes populares diferentes foi *Salvator merianae* (N = 21), seguida por *Hemidactylus mabouia* (N = 19). Em relação ao uso, o termo mais frequente para designar as espécies desse grupo foi "Calango" (usado 150 vezes), seguido por "Lagarto" (109 vezes), e "Lagartixa" (92 vezes).

Encontramos 772 nomes populares para Serpentes, para o total de 411 espécies no Brasil, sendo 559 (72%) exclusivos. Adicionalmente, não encontramos

quaisquer nomes populares na literatura para 60 espécies de serpentes (15%), enquanto que para 218 (53%) não encontramos quaisquer nomes populares exclusivos. As espécies que possuíram o maior número de nomes populares na literatura foram *Xenodon merremii* (N = 48) e *Bothrops jararaca* (N = 28). O nome mais frequente para se referir às espécies desse grupo foi "Coral" (usado 293 vezes), seguido por "Jararaca" (usado 153 vezes). A palavra "Cobra" (usada 498 vezes) foi amplamente utilizada para se referir aos integrantes desse grupo, sendo o termo "Serpente" raramente utilizado (apenas 5 vezes).

Dos nomes listados, 10 espécies de lagartos tiveram pelo menos um nome associado a animais peçonhentos. Oito espécies foram identificadas como "Víboras" (*Copeoglossum nigropunctatum*, *Diploglossus fasciatus*, *Dracaena paraguayensis*, *Hemidactylus agrius*, *H. mabouia*, *Phyllopezus pollicaris*, *Psychosaura agmosticha* e *P. macrorhyncha*) e duas como "Corais" (*Diploglossus fasciatus* e *D. lessonae*).

Entre as serpentes, 27 espécies são consideradas apenas como Falsas-Corais (*Apostolepis*, *Atractus*, *Elapomorphus*, *Phalotris, Pseudoboa, Rodriguesophis, Tantilla* e *Xenopholis*) e seis espécies como "Falsas-Jararacas" (*Dipsas neuwiedi*, *Thamnodynastes chaquensis*, *T. longicaudus*, *T. rutilus*, *Xenodon guentheri* e *X. nattereri*). No entanto, 94 espécies não peçonhentas têm ao menos um nome identificando-as com nomes de espécies peçonhentas. *Atractus major*, *Clelia clelia* (juvenil), *Drepanoides anomalus*, *Hydrops martii*, *Siphlophis cervinus*, *S. pulcher* e *Xenodon matogrossensis* foram apenas identificadas como "Corais", trazendo a ideia de se tratarem de espécies peçonhentas. Quarenta e duas espécies foram identificadas como "víbora, cascavel ou jararaca", principalmente dos gêneros *Chironius*, *Dipsas*, *Echinanthera*, *Epicrates*, *Erythrolamprus*, *Helicops*, *Hydrops*, *Hydrodynastes*, *Imantodes*, *Leptodeira*, *Lygophis*, *Mastigodryas*, *Palusophis*, *Phrynonax*, *Psomophis*, *Spilotes*, *Taeniophallus*, *Thamnodynastes*, *Tropidodryas* e *Xenodon*. Nove espécies foram identificadas ora como "víbora, cascavel ou jararaca" verdadeiros ora como falsos (*Thamnodynastes almae*, *T. nattereri*, *T. hypoconia*, *T. pallidus*, *Tomodon dorsatus*, *T. ocellatus*, *Xenodon merremii*, *X. neuwiedii* e *X. severus*). Do mesmo modo, outras espécies foram identificadas ora como "Corais-verdadeiras" ora como "Falsas--corais" (gêneros: *Anilius*, *Apostolepis, Atractus, Boiruna, Coronelaps, Erythrolamprus, Mussurana, Oxyrhopus, Phalotris, Pseudoboa, Rhinobothryum, Simophis, Siphlophis* e *Xenodon*). Por fim, para cinco espécies as identificações se misturam, pois os nomes populares variam ora como víbora, cascavel ou jararaca, ora como "Corais", falsos ou verdadeiros (*Clelia plumbea*, *Erythrolamprus poecilogyrus, Erythro-*

lamprus taeniogaster, Hydrodynastes bicinctus e *Xenopholis scalaris*).

Quanto às espécies de interesse médico (67 espécies dos gêneros *Bothrocophias, Bothrops, Crotalus, Lachesis, Leptomicrurus* e *Micrurus*), quase todas possuíram ao menos um nome popular (exceto *B. sazimai*, *M. boicora* e *M. diutius*). Entre estas espécies, 13 receberam mais de 10 nomes populares cada, em sua maioria (10 espécies) pertencentes ao gênero *Bothrops*. Entre as 67, 16 espécies não apresentaram nomes exclusivos (13 do gênero *Micrurus*), enquanto *Crotalus durissus* apresentou 16 nomes, todos exclusivos (Anexo 1).

Discussão

Encontramos 1264 nomes populares atribuídos a 673 das 802 espécies de répteis que ocorrem no Brasil atualmente. Esse grande número de nomes populares provavelmente está associado à elevada riqueza de espécies de répteis e de culturas populares no país. As origens desses nomes residem na compreensão popular acerca de vários aspectos inerentes às espécies (Frank & Ramus, 1995; Vizotto, 2003; Begossi *et al.*, 2008; Alves *et al.*, 2012; Costa & Bérnils, 2012; Crump, 2015). Por exemplo, aspectos da morfologia (*e.g.* Jacaré-Enferrujado para *Paleosuchus palpebrosus*), do comportamento (*e.g.* Dorme-Dorme para *Dipsas* spp.), da dieta (Papa-Pinto para *Drymarchon corais*), do habitat (Fura-Terra para *Atractus* spp.), da área geográfica de principal ocorrência (Jacaré-do-Pantanal para *Caiman yacare*), do polimorfismo (Urutu-Preta ou Urutu-Amarela para *Xenodon merremii*), da variação ontogenética (Cobra-Preta e Cobra-Coral para *Clelia clelia*), da variação regional (Lagartixa, Osga, Briba para *Hemidactylus* spp.) e da variação regional na grafia (Tegu, Teiú, Tejo, Teju, Tejú, Tiju e Tiú para *Salvator merianae*). Neste estudo, nós mantivemos todos os nomes populares encontrados na literatura respeitando sua grafia original, mesmo quando se tratavam unicamente de variações regionais, valorizando assim o conhecimento popular em relação aos répteis.

Apesar dessa diversidade de nomes populares presentes na literatura, não encontramos quaisquer nomes atribuídos para 129 (15%) espécies de répteis que ocorrem no Brasil, todas elas Squamata. De modo geral, essas espécies possuem atributos em comum, como hábitos fossoriais (*e.g. Amphisbaena* spp.), tamanho corporal reduzido (*e.g. Coleodactylus* spp.), ocorrência rara (*e.g. Apostolepis arenaria*), ou distribuição restrita (*e.g. Dendrophidion atlantica*), fatores que podem explicar a baixa fixação entre os conhecimentos tradicionais. Portanto, a ausência de nomes populares para estas espécies pode ser explicada por elas figurarem em menor frequência e intensidade no cotidiano das comunidades tradicionais e, conse-

quentemente, terem menor importância prática, seja na alimentação, no uso como fármaco-terápicos ou mesmo importância médica (Crump, 2015).

Também encontramos uma considerável repetição dos mesmos nomes populares (sinonímias etnotaxonômicas) para diferentes espécies. Alguns termos aparecem nesta lista com frequência relativamente alta, como por exemplo, "Calango" (150 vezes), "Jararaca" (153) e "Coral" (293), tanto para espécies distintas (*e.g*. Jararaca para *Xenodon neuwiedii* e *Bothrops jararaca*) ou em composições diferentes para a mesma espécie (*e.g*. *Bothrops jararaca*: Jararaca-Comum, Jararaca-da-Mata-Virgem, Jararaca-do-Campo, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-Preguiçosa, Jararaca-Rabo-de-Osso). Esses casos foram observados sobretudo em táxons com ampla distribuição (*e.g*. *Bothrops* spp., *Micrurus* spp.), mesmo que cada espécie possua características diagnósticas. Aparentemente, a magnitude das semelhanças sugere uma nomeação convergente na etnotaxonomia (*e.g*. *Bothrops* spp. = jararaca, *Micrurus* spp. = Coral). Embora esta denominação popular de maneira generalizada se dê para táxons com pouco interesse médico ou alimentício (Von Ihering, 1968).

Por outro lado, Alves *et al*., (2011, 2012) apontam que pelo menos 81 espécies de répteis com ocorrência no Brasil são reconhecidas pela cultura popular por apresentarem conflitos ou por serem úteis de alguma maneira. Os usos dessas espécies são bastante diversos, como: fonte de alimento, medicinal, religioso, animais de estimação e, até mesmo, como enfeite em residências (Alves *et al*., 2011, 2012). Comparando os nomes aqui levantados com as 81 espécies apontadas por Alves *et al*., (2011, 2012), nota-se que todas as espécies que possuem usos ou conflitos com a população apresentam ao menos um nome popular conhecido, sendo que 32 (40%) delas receberam mais de 10 nomes. Além disso as espécies usadas para alimentação têm um ou mais nomes exclusivos, mas não necessariamente um grande número de nomes. Os quelônios amazônicos e os crocodilianos, por exemplo, amplamente usados na culinária tradicional, na produção de utensílios domésticos e também no tratamento de doenças (Alves *et al*., 2011, 2012; Rhodin *et al*., 2017), são reconhecidos pelas comunidades locais, recebendo nomes populares espécie-específicos relativamente conservados entre diferentes culturas, enquanto diversos táxons sem importância cinegética são nomeados, em geral, com os mesmos termos (Alves *et al*., 2012; Von Ihering, 1968; este estudo).

O uso de um mesmo nome para espécies diferentes pode trazer consequências graves, como em casos de acidentes ofídicos (Costa & Bérnils, 2012; Mota-da-Silva *et al*., 2019), assim como a morte de animais não peçonhentos decorrentes de identificação errônea.

Os táxons ápodos (*e.g. Ophiodes* spp. e *Amphisbaena* spp.) são comumente mortos devido à semelhança com as serpentes, além de serem popularmente associados ao envenenamento. As espécies não peçonhentas que são identificadas como peçonhentas formam um grupo muito heterogêneo. Para os lagartos, a associação com serpentes é mais comum nos grupos que possuem membros reduzidos (*i.e. Ophiodes*). Já no caso das serpentes, de modo geral, cinco características principais parecem ser levadas em conta pelos populares para se atribuir a condição de peçonhenta: padrão variegado, forma da cabeça, manchas ou cores avermelhadas, presença de bandas e tamanho do corpo. Serpentes que apresentam tons marrons (*e.g. Leptodeira*), ou cabeça ligeiramente em forma de lança (*e.g. Thamnodynastes*) são identificadas como "Jararacas", "Jararaquinha" e suas variações na cultura popular. Espécies com tons vermelhos ou bandas são identificadas como "Corais", falsas ou verdadeiras. Curiosamente, alguns Pseudoboini podem ser reconhecidos como "Corais" nas fases juvenis (*e.g. Clelia plumbea*), mas os adultos de coloração preta são reconhecidos como "Muçuranas", nome que muitas vezes carrega o significado de ser útil por predar outras serpentes. Especificamente sobre o gênero *Bothrops*, indivíduos pequenos (juvenis ou adultos) são chamados de "Jararacas", enquanto que indivíduos de grande porte (por vezes da mesma espécie) são chamados de "Jararacussu" ou até mesmo de "Surucucu" (Mota-da-Silva *et al.*, 2019; este estudo). Esse raciocínio se estende também para espécies não peçonhentas que são reconhecidas como "Jararacas" (*i.e. Palusophis bifossatus* e *Hydrodynastes gigas*). Em alguns casos, como *Erythrolamprus poecilogyrus*, os padrões de coloração diferentes ao longo da distribuição podem explicar o porquê dessa espécie ser reconhecida como "Jararaca" (padrão marrom) e "Coral" (padrão bandeado), dependendo da região. Convém ressaltar que as atribuições "falsa" ou "verdadeira" para essas espécies não parecem seguir critérios objetivos.

Embora o número de espécies de serpentes de importância médica seja relativamente baixo no Brasil (9% das espécies de serpentes: Viperidae, N = 31 e Elapidae, N = 36), as lendas e mitos que estigmatizam esse grupo ainda são um fator potencializador de problemas relacionados à conservação dessas espécies (Argôlo, 2004; Moura *et al.*, 2010). Apesar da grande maioria das espécies de importância médica receberem nomes populares e de algumas poderem ser identificadas de maneira inequívoca, a diversidade de nomes populares atribuídas a um mesmo táxon e a ampla ocorrência de sinonímias etnotaxonômicas com espécies não-peçonhentas revela a perpetuação dos problemas de erros de identificação, com sérias consequências no âmbito da con-

servação. Desta forma, é urgente que projetos de educação ambiental e/ou divulgação científica sejam executados em todo o país com o objetivo de levar conhecimento acerca das espécies com preocupação médica e desmistificar questões relacionadas à identificação e periculosidade das serpentes em geral, reduzindo assim os conflitos entre humanos e este grupo de répteis.

Diagnosticamos, neste estudo, que existe um uso majoritário do termo "Cobra" em relação à "Serpente" no conhecimento popular. Há importantes discussões a respeito do uso desses dois termos na literatura (*e.g*. Amaral, 1978; Puorto, 2001; Sandrin *et al*., 2005; Fernandes-Ferreira *et al*., 2011) e o emprego desses nomes tem sido abordado por diferentes autores, sem padronização (ver discussão em Sandrin *et al*., 2005). Embora as culturas tradicionais brasileiras reconheçam as duas palavras como sinônimas, o uso de "Cobra" é bem mais frequente (Sandrin *et al*., 2005; este estudo). Sendo assim, sugerimos o uso do termo "Cobra" no contexto do discurso popular, reservando o termo "Serpente" ao âmbito técnico e acadêmico.

A utilização de nomes populares para espécies pouco carismáticas, como o caso dos répteis, é fundamental para a aproximação destes animais com a sociedade em geral. Neste estudo, apresentamos a lista de nomes populares dos répteis que ocorrem no Brasil a partir de dados disponíveis na literatura. É possível, no entanto, que neste primeiro esforço alguns nomes populares não tenham sido localizados, o que se justifica pela enorme diversidade cultural e riqueza de espécies no País. Esta compilação contribui de maneira relevante com a etnoherpetologia brasileira, porém é notável a existência de diversas lacunas no conhecimento tradicional sobre os répteis no Brasil. Portanto, recomendamos que os herpetólogos, em trabalhos de campo, considerem, valorizem e forneçam, nos relatórios e publicações, os nomes populares locais (em vez de omiti-los ou priorizar aqueles já existentes na literatura) para as espécies-alvo das suas pesquisas. Esta simples iniciativa, apesar de não ter caráter intrínseco etnológico (ciência com objetos, métodos e abordagens teóricas próprias), certamente proverá um quantitativo imensurável de novos nomes populares à literatura, contribuindo para revelar a real extensão da variação geográfica e cultural dos nomes populares dos répteis brasileiros e, consequentemente, substanciar com mais robustez uma futura atualização da presente lista.

Agradecimentos

RCG agradece ao Prof. Dr. Marcello Modesto (FFLCH-USP) pelo suporte técnico sobre as normas da língua portuguesa. O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES): CMR, doutorado, Processo 88882.428055/2019-01 e PRMF, doutorado, Processo 1571045/2015; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): ADA, mestrado, Processo 130115/2013-3, DMMM, doutorado, Processo 141878/2018-5 e RAB, pós-doutorado, Processo 155556/2018-5; e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ): JCFO, pós-doutorado, Processo E-26/202.388/2017.

Referências

Abegg A.D., Entiauspe-Neto O.M. 2012. Serpentes do Rio Grande do Sul. Livraria & Editora Werlang, Tapera.

Alves R.R.N., Pereira-Filho G.A., Vieira K.S., Souto W.M.S., Mendonça L.E.T., Montenegro P.F.G.P., ..., Vieira W.L.S. 2012. A zoological catalogue of hunted reptiles in the semiarid region of Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 8:27. doi:10.1186/1746-4269-8-27

Alves R.R.N., Vieira K.S., Santana G.G., Vieira W.L.S., Almeida W.O., Souto W.M.S., ..., Pezzuti J.C.B. 2011. A review on human attitudes towards reptiles in Brazil. Environmental Monitoring and Assessment 184:6877–6901. doi:10.1007/s10661-011-2465-0

Amaral A. 1973. Ofionímia ameríndia na ofiologia brasiliense. *Memórias do Instituto Butantan* 37:1–15.

Amaral A. 1977. Questões vernáculas IV - Linguagem indianista: O Tupi-Guarani na nomenclatura das serpentes do Brasil. *Revista da Academia Paulista de Letras* 87:195–218.

Amaral A. 1978. Serpentes do Brasil. Iconografia colorida. Melhoramentos/ EDUSP, São Paulo.

Argôlo A.J.S. 2004. As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia. Editus, Ilhéus.

Begossi A., Clauzet M., Figueiredo J.L., Garuana L., Limca R.V., Lopes P.F., ..., Silvan R.A.M. 2008. Are biological species and higher-ranking categories real? Fish folk taxonomy on Brazil's Atlantic Forest Coast and in the Amazon. *Current Antropology* 49:291–306. doi:10.1086/527437

Berlin B., Breedlove D.E., Raven P.H. 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropology* 75:214–242. doi:10.1525/aa.1973.75.1.02a00140

Cardoso J.L.C. 2009. José de Anchieta e as Cartas. Pp. 521–522, in Cardoso J.L.C., França F.O.S., Wen F.H., Málaque C.M.S., Haddad V. Jr. (Orgs.), Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia, Clínica e Terapêutica dos Acidentes. Sarvier, São Paulo.

Clément D. 1995. Why is taxonomy utilitarian? *Journal of Ethnobiology* 15:1–44.

Costa H.C., Bérnils R.S. 2012. Devemos aplicar, na literatura médica, as mudanças recentes na classificação das serpentes? *Gazeta Medica da Bahia* 82:28–32.

Costa H.C., Bérnils R.S. 2018. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 7:11–57.

Costa-Neto E.M., Marques J.G.W. 2000. A Etnotaxonomia de recursos ictiofaunísticos pelos pescadores da comunidade de Siribinha, norte do Estado da Bahia, Brasil. *Biociências* 8:61–76.

CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). 1990. Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Acessível em: *http://www.cplp.org/Files/Filer/cplp/Acordos/maisAcordos/Acordo-OrtogrLinguaPortug.pdf*. Acesso: 06 de Abril de 2019.

Crump M. 2015. Eye of Newt and Toe of Frog, Adder's Fork and Lizard's Leg, the Lore and Mythology of Amphibians and Reptiles. University of Chicago Press, Chicago.

Entiauspe-Neto O.M., Loebmann D. 2019. Taxonomic status of *Chironius laurenti* Dixon, Wiest & Cei, 1993 and of the long-forgotten *Chironius* dixoni Wiest, 1978 (Squamata, Serpentes). *Bionomina* 16:83–87. *doi:10.11646/bionomina.16.1.4*

Entiauspe-Neto O.M., Guedes T.B., Loebmann D., de Lema T. 2020. Taxonomic status of two simultaneously described *Apostolepis* Cope, 1862 species (Dipsadidae: Elapomorphini) from Caatinga enclaves moist forests, Brazil. *Journal of Herpetology* 54:225–234. *doi:10.1670/19-053*

Entiauspe-Neto O.M., Sena A., Tiutenko A., Loebmann D. 2019. Taxonomic status of *Apostolepis barrioi* Lema, 1978, with comments on the taxonomic instability of *Apostolepis* Cope, 1862 (Serpentes, Dipsadidae). *ZooKeys* 841:71–78. *doi:10.3897/zookeys.841.33404*

Fernandes-Ferreira H., Cruz R.L., Borges-Nojosa D.M., Alves R.R.N. 2011. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. Sitientibus: Série Ciências Biológicas 11:153–163.

Frank N., Ramus E. 1995. A Complete Guide to Scientific and Common Names of Reptiles and Amphibians of the World. Reptile and Amphibian magazine, Pottsville.

Frederico E.Y. 2009. O inferno são os outros: animais peçonhentos no Brasil Colonial. Pp. 515–520, in Cardoso J.L.C., França F.O.S., Wen F.H., Málaque C.S., Haddad V. Jr. (Orgs.), Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia, Clínica e Terapêutica dos Acidentes. Sarvier, São Paulo.

Garrido C. 2012. Divergências no inventário das línguas e na constituição dos elementos lexicais equivalentes como fonte de discordâncias interculturais na tradução de textos destinados ao ensino e divulgação da ciência. *Lebende Sprachen* 57:238–264. *doi:10.1515/les-2012-0021*

Hunn E. 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist* 84:830–847. *doi:10.1525/aa.1982.84.4.02a00070*

ICZN (International Commission on Zoological Nomenclature). 1999. The Code. 4th ed. International code of zoological nomenclature. Acessível em: *http://www.iczn.org*. Acesso: 28 de março de 2019.

de Lema T. 2002. Os répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis, biogeografia, ofidismo. EDIPUCRS, Porto Alegre.

Lopes P., Silvano R., Begossi A. 2010. Da Biologia a Etnobiologia – Taxonomia e etnotaxonomia, ecologia e etnoecologia. Pp. 69–94, in Alves R.R.A., Souto W.M.S., Mourão J.S. (Eds.), A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. NUPPEA, Recife.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2001. Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para a Serra do Mar. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2019. Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para as florestas costeiras do Brasil. Ponto A, Cotia.

Marques O.A.V., Eterovic A., Nogueira C.C., Sazima I. 2015. Serpentes do Cerrado: guia ilustrado. 1. ed., Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Strüssman C., Sazima I. 2005. Serpentes do Pantanal. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Guedes T.B., Sazima I. 2017. Serpentes da Caatinga: guia ilustrado. Ponto A, Cotia.

Martins A., Koch C., Pinto R., Folly M., Fouquet A., Passos P. 2019. From the inside out: discovery of a new genus of thread snakes based on anatomical and molecular data, with discussion of the leptotyphlopid hemipenial morphology. *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 57:840–863. *doi:10.1111/jzs.12316*

Midtgaard R. 2019. English common names of reptiles, a working checklist. Acessível em: http://www.naturewindow.dk/UKnames.html. Acesso: 28 de fevereiro de 2019.

Mota-da-Silva A., Monteiro W.M., Bernarde P.S. 2019. Popular names for bushmaster (*Lachesis muta*) and lancehead (*Bothrops* atrox) snakes in the Alto Juruá region: repercussions for clinical-epidemiological diagnosis and surveillance. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 52:1–4. doi:10.1590/0037-8682-0140-2018

Moura M.R., Costa H.C., São-Pedro V.A., Fernandes V.D., Feio R.N. 2010. O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil. *Biota Neotropica* 10:133–141. doi:10.1590/S1676-06032010000400018

Nogueira C.C., Argôlo A.J.S., Arzamendia V., Azevedo J.A., Barbo F.E., Bérnils R.S., ..., Martins M.M. 2019. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. *South American Journal of Herpetology 14:1–274*. doi:10.2994/SAJH--D-19-00120.1

Nolan J.M., Robbins M.C. 2001. Emotional Meaning and the Cognitive Organization of Ethnozoological Domains. *Journal of Linguistic Anthropology* 11:240–249.

Passos D.C., Machado L.F., Lopes A.F., Beserra B.L.R. 2015. Calangos e lagartixas: concepções sobre lagartos entre estudantes do Ensino Médio em Fortaleza, Ceará, Brasil. *Ciência & Educação* 21:133–148. doi:10.1590/1516-731320150010009

Pinto M.F., Mourão J.S., Alves R.R.N. 2013. Ethnotaxonomical considerations and usage of ichthyofauna in a fishing community in Ceará State, Northeast Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 9:17. doi:10.1186/1746-4269-9-17

Poe S. 2004. Phylogeny of Anoles. *Herpetological Monographs* 18:37–89. doi:10.1655/0733-1347(2004)018[0037:POA]2.0.CO;2

Puorto G. 2001. (CD-ROM). Tudo que você precisa saber. Museu do Instituto Butantan, São Paulo.

Raddi G. 1820. Di alcune specie di rettili e piante brasiliane. Memoria di Giuseppe Raddi. Memorie di Matematica e di Fisica della Società Italiana delle Scienze. Presso la Società Tipografica, Modena.

Rhodin A.G.J., Iverson J.B., Bour R., Fritz U., Georges A., Shaffer H.B., Van Dijk P.P. 2017. Turtles of the world: annotated checklist and atlas of taxonomy, synonymy, distribution, and conservation status. *Chelonian Research Monographs* 7:1–292.

Sandrin M.D.F.N., Puorto G., Nardi R. 2005. Serpentes e acidentes ofídicos: um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. *Investigações em Ensino de Ciências* 10:281–298.

Silva J.L., Mota-da-Silva A., Amaral G.L.G., Ortega G.P., Monteiro W.M., Bernarde P.S. 2019. The deadliest snake according to ethnobiological perception of the population of the Alto Juruá region, western Brazilian Amazonia. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 53:1–6. *doi:10.1590/0037-8682-0305-2019*

Vasconcelos-Neto L.B., Garcia-da-Silva A.S., Brito I.A.S., Chalkidis H.M. 2018. O conhecimento tradicional sobre as serpentes em uma comunidade ribeirinha no centro-leste da Amazônia. *Ethnoscientia* 3:1–7. *doi:10.22276/ethnoscientia.v3i0.157*

Vizotto L.D. 2003. Serpentes: lendas, mitos, superstições e crendices. Plêiade, São Paulo.

Von Ihering R. 1968. Dicionário dos animais do Brasil. Editora Universidade de Brasília, São Paulo.

Editor: Délio Baêta